

pu- nhcido. Nêc-  
um defeito, para ser uma  
virtude: a de viver amorosa-  
mente e caladamente para a  
sua arte.

E. R.



PEDRO DE FIGUEIREDO — Entre campos

## CAMÕES E SEUS INVEJOSOS

AO EX.<sup>MO</sup> SR. DR. ALFREDO DE MAGALHÃES

QUÁSI quatro séculos são passados depois que veio à luz da publicidade o poema épico de Camões.

A-pesar dum tam grande lapso decorrido, os *Lusiadas* nada perderam do seu brilho literário, nada desmereceram do seu valor histórico.

É certo que a êste braço das nossas glórias, por várias vezes tentou a inveja, mal ingénito do luso no dizer do mui ilustre Dr. Ricardo Jorge, apagar-lhe o relêvo.

São primeiramente os poetas contemporâneos de Camões que procuram sufocar-lhe a obra num esquecimento asfixiante; é a irritação de Pero Andrade Caminha desdenhando daqueles impressivos versos:

«Dai-me uma fúria grande e sonora  
e não de agreste avena ou frauta rude.»



Vem mais tarde o Elmiro Tagideo da Nova Arcádia, o talentoso mas devasso autor dos *Burros* e da *Besta esfolada*, pretender com o seu inspirado *Oriente* suplantar os *Lusiadas*, como se a lua pudesse ofuscar o sol ou uma tela de Rafael equivaler a uma enganosa oleografia.

Ao furibundo Padre José Agostinho de Macedo segue-se Camilo Castelo Branco, que, fora do romance, a sua pena, qual estadulho contundente com rara habilidade manejada, tornando-o um polemista invencível, a sua pena recusou-se a contribuir para a celebração do tri-centenário camoneano dizendo que «não admirava multíssimo o poeta».

Não contente com tão sarcástica recusa, Camilo, na sua *Boémia do Espírito*, saiu-se ainda com esta diatribe: «Camões, na apoteose de Albuquerque terrível e Castro forte, elaborou a epopeia que sagrou em idolatria de semi-deuses uma falange de piratas!»

Comparável a Camilo na demolição de reputações literárias e científicas consagradas só o filho de Alphonse Daudet no seu *Estúpido Século XIX*, agatanhando Vitor Hugo, Renan, Pasteur, Berthelot e outros.

É verdade que Tolstoi também arremeteu contra Shakespeare esfrangalhando-lhe o *Rei Lear* numa crítica acerba e dura.

Mas, de que servirá o brado demolidor dos críticos se os criticados ficam inabaláveis nos seus pedestais gloriosos, se as obras impugnadas não são esquecidas?

Vitor Hugo há-de ser sempre o grande gênio verbal que, empolgando o seu século, deixou nas suas obras o cunho da beleza e da bondade, ou quando sublima o galeriano João Valjean, ou quando faz dum ser monstruosamente feio — *Quasimodo* — o escrínio duma alma subtil e delicada.

O teatro de Shakespeare emociona hoje da mesma maneira que no tempo de Isabel de Inglaterra, pois continua a angustiar-nos o espírito o fatal dilema do *ser ou não ser*; a molestar-nos o ouvido o insistente conselho de lago — *mete o dinheiro na bolsa, mete o dinheiro na bolsa*; e a compungir-nos com a dor suprema dum pai — o *Rei Lear* — expulso de seu palácio pela ingratidão das próprias filhas.

\* \* \*

O nome de Luís de Camões jámais poderá desaparecer do Panteom dos Grandes Homens; o seu poema impossível é votá-lo ao ostracismo desde que ele é a Bíblia da Nação portuguesa, desde que os *Lusiadas* definem a nacionalidade que se firmou em Aljubarrota e se expandiu depois pelo mundo fora devassando mares e descobrindo terras.

Vás são, pois, essas investidas esporádicas, atentatórias da fama adquirida, muito parecidas com o gesto do obscuro Eróstrato, que, para se imortalizar, incendiou o templo de Diana em Epheso, tido como uma das Sete Maravilhas do Mundo.

Tais atentados só se justificam com o ditado árabe: «Não se atiram pedras senão às árvores que teem frutos.»

Ora, os *Lusiadas* são uma dessas frondosas árvores de que são fôlhas virentes as mil cento e doze estâncias dos dez cantos; de que são flores viçosas os episódios de subido engenho e as parábolas de soberbo efeito; de que são frutos deliciosos os variadíssimos ensinamentos da mitologia, história, geografia, meteorologia, astronomia, etc., ensinamentos dos quais tem sido possível extrair interessantes monografias, tais como: a *Flora dos Lusiadas* pelo Conde de Ficalho, a *Fauna dos Lusiadas* por Eduardo Sequeira, a *Astronomia dos Lusiadas* pelo malogrado professor Dr. Luciano da Silva, a *Meteorologia* e a *Etnografia dos Lusiadas* pelo médico escolar Rodrigues Lobo, e bem assim as *Fontes dos Lusiadas* pelo sábio professor Dr. José Maria Rodrigues, os *Lusiadas Comentados* pelo eruditíssimo Mestre Epifânio da Silva Dias, e muitos outros estudos de não menos interesse e valia.

Não é sem fundamento que se denomina o poema Camoneano o *tesouro do luso*, consubstanciação de poesia e de ciência, que é difícil encontrar-se em qualquer outra obra do mesmo género.

É que Camões mostra-se poeta quando canta — as *armas e barões assinalados*, mas em sábio se torna descrevendo com precisão os fenómenos da Natureza, ou sejam de ordem

astronómica ou meteorológica: o estro poético não lhe empana a verdade dos factos.

«*Tu duca, tu signore e tu maestro*», dizia Dante a Virgílio na sua descida aos infernos; ora, eu que um zero sou no mundo das letras direi sempre: — Camões, tu és o meu guia, o meu senhor e o meu mestre.

LUÍS LOBO.



DR. PAULO MARCELINO

## DR. PAULO MARCELINO

ESTE nome não deve estar esquecido ainda na memória dos seus discípulos, amigos e admiradores.

O dr. Paulo Marcelino Dias de Freitas, antigo director e professor do Instituto Industrial e Comercial do Porto, mais tarde director clinico do Hospital de Santo António, havendo sido também Provedor da Misericórdia e exercido outros cargos de destaque na cidade do Porto, faleceu na sua casa de Paçô, Vila Verde, em 12 de Agosto de 1929.

A política mesquinha e a intriga vil não o pouparam, minando-lhe de desgostos os últimos anos da sua nobre e honrada existência.

Inteligente, perspicaz, arguto, erudito, grande pedagogo, todos os que frequentaram o Instituto no seu tempo devem recordar com saudade a sua direcção firme mas suave, a sua palavra sugestiva e enleante, as suas lições sempre brilhantes e proveitosas. Mas foi no Hospital de Santo António e na Ordem Terceira de S. Francisco que o dr. Paulo Marcelino revelou a melhor qualidade que o exornava: a Bondade.